

revistafidelidade@terra.com.br • ano 4 • abril/2006 • nº 43 • R\$5,00

Revista

Fidelidad **ESPÍRITA**



U pensando sobre o **Universo**

por Stephen Hawking e Leonard Mlodinow

A
Revista que
se **Responsabiliza**
Doutrinariamente
pelos Textos Publicados

SUMÁRIO

4 HISTÓRIA

CURIOSIDADES DA ASSÍRIA

Descoberta das ruínas da Babilônia

7 NOTÍCIA

A REVOLTA DOS SUBÚRBIOS E AS LEIS DE SOCIEDADE E PROGRESSO

O verdadeiro motivo das rebeliões na França

10 ANÁLISE

MEMORIAL PARA CHICO XAVIER

Vamos analisar o verdadeiro propósito da vida de Chico Xavier entre nós

14 CAPA

PENSANDO SOBRE O UNIVERSO

Qual a natureza do tempo? Ele algum dia terá um fim?

22 REFLEXÃO

VAMOS CRIAR UM GRUPO DE PESQUISA ESPÍRITA?

Distinção entre ciência materialista e ciência espírita

24 PERSONALIDADE

AGOSTINHO

Grande teólogo cristão

27 COM TODAS AS LETRAS

EVITE PROBLEMAS COM O E U

Importantes dicas da nossa língua portuguesa



Edição

Centro de Estudos Espíritas
"Nosso Lar" – Depto. Editorial

Equipe Editorial

Adriana Levantesi
Leandro Camargo
Rafael Dimarzio
Rodrigo Lobo
Sandro Cosso
Thais Cândida
Zilda Nascimento



Jornalista Responsável

Renata Levantesi (Mtb 28.765)

Design

Fernanda Berquó Spina
Rafael Augusto D. Rossi

Revisão

Equipe FidelidadEspírita

Administração e Comércio

Elizabeth Cristina S. Silva

Apoio Cultural

Braga Produtos Adesivos

Impressão

Citygráfica

O Centro de Estudos Espíritas
"Nosso Lar" responsabiliza-se
doutrinariamente pelos artigos
publicados nesta revista.

FALE CONOSCO

revistafidelidade@terra.com.br (19) 3233-5596

Assinaturas

Assinatura anual: R\$45,00
(Exterior: US\$50,00)

Centro de Estudos Espíritas "Nosso Lar"

Rua Luís Silvério, 120 – Vila Marieta 13042-010 Campinas/SP
CNPJ: 01.990.042/0001-80 Inscr. Estadual: 244.933.991.112

Curiosidades da Assíria

por Alan Millard

O nome de babilônia nunca saiu da mente das pessoas, mesmo depois de o local ter sido engolido pelo deserto. A Babilônia representava a vida luxuosa e ímpia, pois o Apocalipse da Bíblia usou seu nome como sede da iniquidade humana.

Ninguém sabia ao certo como fora a cidade. Alguns europeus que iam até Bagdá viam as colinas poeirentas de Babil e pegavam tijolos

Babilônia. Rich passou pelos morros, traçando esboços e planos iniciais, destinando já alguns homens para escavar em busca de tijolos com inscrições, selos e outros objetos.

Seu *Memoir on the ruins of Babylon* (Relatos sobre as ruínas da Babilônia) foi publicado em 1813 em Viena e reeditado em Londres em 1815, 1816 e 1818, tamanho o interesse que despertou. Ele fez outra visita em 1817, para averiguar seus re-



A Babilônia representava a vida luxuosa e ímpia...

com estranhas inscrições para levar para casa como curiosidades.

O primeiro a pesquisar e a descrever as ruínas foi um jovem notável, Claudius James Rich. Aos 20 anos chegou a Bombaim para trabalhar na Companhia Britânica da Índia Oriental, já tendo viajado pela Turquia, pelo Egito e pelo Oriente Próximo. Além de francês e italiano, também falava turco, árabe e persa, além de ler hebraico, siríaco e um pouco de chinês!

Um ano depois a companhia nomeou Rich representante em Bagdá, e para lá ele se foi em 1807 com a noiva de 18 anos. Em 1811, os dois fizeram uma excursão até

sultados anteriores, e publicou em Londres o *Second memoir on Babylon* (Segundo relato sobre a Babilônia), em 1818. Dois anos mais tardes, os Riches fizeram uma longa excursão, incluindo no trajeto Mossul, principal cidade do norte do Iraque.

Na margem oriental do Tigre, defronte a Mossul, estavam as ruínas da antiga capital da Assíria, Nínive. Rich explorou-as e pesquisou-as, coletando tijolos e tabuinhas de argila com inscrições. Fez anotações das viagens, mas não viveu o bastante para publicá-las. Em 1821, em Chiraz, a caminho das ruínas de Persépolis, foi vítima de uma epidemia de cólera e morreu, aos 34 anos.



O The Illustrated London News divulgou muitas descobertas importantes dos primeiros arqueólogos, como foi o caso de Austen Henry Layard

Sua viúva, que saíra antes dele para Bombaim, organizou seus diários, publicados em 1836 (Narrative of a residence in Koordistan). Em 1825, o Museu Britânico comprou por mil libras os selos, as inscrições e os manuscritos que ele colecionara.

Os livros de Rich foram amplamente lidos. Na França, o governo foi convencido a fornecer dinheiro para escavações nas promissoras colinas de Nínive. Paul Emile Botta foi enviado a Mossul e abriu suas primeiras valas nas ruínas de Nívine em dezembro de 1842. Encontrou pouquíssima coisa nas seis semanas de trabalho; portanto, ficou feliz quando o povo do local falou-lhe de um lugar chamado Khorsabad, 22 quilômetros ao norte, onde se podiam ver pedras entalhadas. Botta começou a cavar ali em 1843, prosseguindo até 1845.

Pouco abaixo da superfície do solo encontravam-se as paredes de um grande palácio. Revestindo as paredes de tijolos havia placas de pedra entalhada, com desenhos e inscrições cuneiformes. Diante das portas principais viam-se enormes touros alados, de até 4,8 metros de altura.

Botta ficou fascinado. Reuniu mais homens para colocar as peças entalhadas em carroções, levá-las até o rio Tigre e colocá-las em balsas, navegando rio abaixo até o porto de Barsa. Antes de embalá-las, Botta contratou um artista para desenhá-las, fazendo assim um registro delas antes que qualquer dano lhes pudesse acontecer.

Quando as pedras chegaram a Paris, causaram sensação. O interesse público elevou-se ainda mais quando se provou que o palácio pertencera a Sargom, o rei da

Assíria mencionado em Isaías 20.1, cuja existência fora posta em dúvida, pois não havia nenhuma outra referência ao seu nome.

Em 1839, um inglês de 22 anos partiu de Londres com um amigo a fim de chegar ao Ceilão (atual Sri Lanka), onde um parente lhes arumaria emprego. Em 1840 alcançaram Mossul, depois desceram o Tigre numa balsa até Bagdá. Logo após se separaram.

Um deles partiu para concluir a viagem. O outro, Austen Henry Layard, encantou-se com a região e ficou para trás. Passou alguns meses na Pérsia, vivendo com os povos das montanhas, e depois voltou para Bagdá. Dali foi enviado ao embaixador britânico em Istambul, com mensagens políticas. A caminho, encontrou Botta em Mossul.

O embaixador na época se interessava por antiguidades e, por isso, depois de contratar Layard para pequenas tarefas diplomáticas, deu-lhe recursos para começar uma escavação na Assíria, com a aprovação do sultão turco.

No final de 1845, Layard pôs-se

a escavar a colina chamada Nimrud, que vira ao sul de Nínive. Imediatamente as pás dos operários atingiram placas de pedra que revestiam paredes de salões. Surgiram esculturas em relevo, inscrições cuneiformes, objetos de metal e frágeis peças de marfim entalhado.

Layard convenceu-se de que havia encontrado Nínive, e voltou a Londres depois de dezoito meses de trabalho para escrever um grande sucesso editorial: *Nineveh and its remains* (Nínive e os seus restos, 1849).

Retornou a Mossul em 1849 e começou a escavar com empenho as colinas de Nínive, onde suspeitava poder encontrar mais esculturas, apesar do fracasso de Botta. E estava certo. De 1849 a 1851, ele e seu ajudante local, Hormuzd Rassam, desencavaram salões revestidos em quase 3 quilômetros de entalhes em pedra. As esculturas pertenciam ao palácio de Senaqueribe (rei da Assíria, 705-681 a.C.) e entre elas estavam as famosas imagens do rei no cerco de Laquis. ▶

Num dos salões havia milhares de



Algumas das mais famosas esculturas assírias são as que retratam o rei Assurbanipal e seus cortesãos caçando e matando leões.

pequenas tabuinhas de argila cobertas de inscrições cuneiformes, parte da biblioteca palaciana. Tão importantes e empolgantes quanto as esculturas, esses documentos apresentavam as informações realmente vitais sobre a história, a religião e a sociedade assíria. Todos esses tesouros foram embarcados rumo à Inglaterra, para o Museu Britânico. Layard ter-

tabuinhas de argila, identificou numa delas a narrativa de um grande dilúvio, bem semelhante à história do dilúvio de Noé em Gênesis. Isso gerou nova onda de interesse popular, e um importante jornal, The Daily Telegraph, financiou novas escavações em Nínive.

Agora mais estudiosos franceses trabalhavam na Babilônia, desco-

A Assíria e a Babilônia se transformaram em campos de caça de objetos raros para alimentar os museus

minou as escavações em 1851, tornando-se político, diplomata e colecionador de objetos de arte.

A Assíria e a Babilônia então se transformaram em campos de caça de objetos raros para alimentar os museus. No sul, só se encontraram tabuinhas de argila, trabalhos em metal e outros pequenos objetos, para desencanto dos exploradores. A Assíria continuou a revelar frisos entalhados às pás dos escavadores franceses em Khorsabad e, especialmente, a Rassam em Nínive, Ali ele encontrou o palácio de Assurbanipal, o último grande rei da Assíria (669-627 a.C.). Outra grande coleção de tabuinhas de argila veio de lá, além das magníficas cenas do rei caçando leões e outros animais selvagens, hoje tão famosas.

O ritmo das descobertas diminuiu com a Guerra da Criméia (1853-56) e outros problemas. Os estudiosos trabalharam para interpretar e divulgar as descobertas. Em 1872, George Smith, assistente do Museu Britânico que estudava as

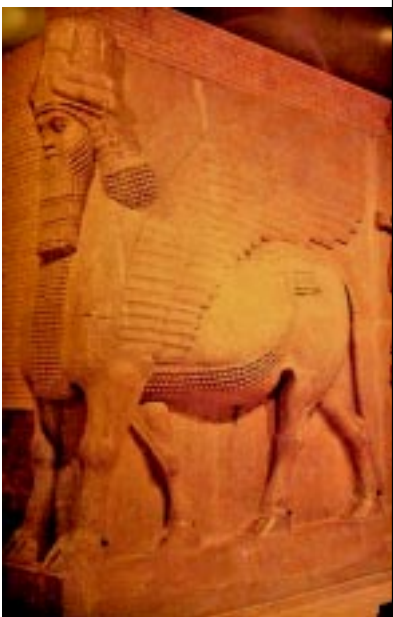
brindo ruínas da cultura suméria anteriores a 2000 a.C. Em Tello encontraram belas estátuas de um soberano chamado Gudea, que reinou por volta de 2100 a.C.

Uma equipe da Universidade da Pensilvânia, a partir de 1887, fez escavações no centro religioso sumério de Nipur, recuperando milhares de tabuinhas cobertas de inscrições cuneiformes, até mesmo muitas com mitos e hinos sobre os deuses e deusas ali cultuados.

Bem no final do século, uma expedição alemã abriu escavações na Babilônia. Liderada por um arquiteto, Robert Koldewey, ela estabeleceu novos parâmetros de precisão para as escavações e para a documentação.

A arqueologia na Assíria e na Babilônia transformara-se de caça ao tesouro em exploração científica do passado. ■

Decorando o palácio do rei Sargom, da Assíria, em Khorsabad, havia um grande touro alado. Paul Emile Botta foi o primeiro a escavar a colina. Quando as esculturas que encontrou foram levadas a Paris, causaram sensação



Fonte:

MILLARD, Alan. *Descobertas dos Tempos Bíblicos*. Págs. 18 - 21. VIDA. São Paulo/SP. 1999.

A revolta dos subúrbios e as Leis de Sociedade e Progresso

Adriana Levantesi

A França enfrenta atualmente triste realidade. Desde o fim de outubro em 280 cidades francesas, cerca de 7000 carros, dezenas de prédios, estabelecimentos comerciais, escolas, ginásios e repartições públicas na periferia francesa da capital foram incendiados. Os prejuízos já chegaram a 200 milhões de euros. Estes atos de barbárie, ao que tudo indica, não estão sendo provocados por ações organizadas, nem há sinal de líderes, nem mesmo da participação de grupos muçulmanos radicais, berço de jovens muçulmanos descontentes e deslocados nos países do Ocidente.

Os autores destes atos destrutivos são em sua quase totalidade homens com idade entre 13 e 24 anos, de origem árabe ou africana, filhos ou netos de imigrantes; vestem-se como jovens de periferia pobres do mundo todo influenciados pela cultura hip-hop dos negros americanos. Na sua maioria são desempregados, e ligados ao mundo das drogas e pequenos crimes, pertencem a gangues e comunicam-se através de celulares e internet. A maioria nasceu na França e jamais saiu dali, entre as 2000 prisões efetuadas pela polícia, 8% são de estrangeiros. Os revoltosos vivem em bairros afastados e em-

pobrecidos onde as taxas de desemprego são desproporcionalmente maiores que as do restante do país.

Mas eles se revoltam contra o quê? Não é exatamente da miséria que a periferia parisiense se queixa, pelo menos não da miséria ao estilo brasileiro. O governo francês oferece ajuda aos pobres franceses. Os aluguéis dos mais necessitados são pagos com o auxílio do governo; dependendo da renda familiar a contribuição estatal pode chegar

a 75% do total. O cerne do problema está no desemprego e discriminação sofrida pelos jovens de origem árabe ou africana. A taxa de desemprego entre eles é cinco vezes maior do que à média nacional e apenas 20% deles chegam às universidades gratuitas da França. Eles não enfrentam a pobreza e dificuldades que seus antecedentes encontram quando chegaram no solo francês, mas se sentem marginalizados pela sociedade.

Os revoltosos vivem em bairros afastados e empobrecidos





...um europeu tem cinco vezes mais chance de conseguir emprego que um descendente de árabe ou africano

Dois são os pontos fundamentais que embasam a realidade vivida na periferia francesa atualmente. A discriminação social dos imigrantes e a incapacidade de gerar crescimento econômico e empregos. Apesar de 10% da França ser muçulmana, o país não tem nenhum deputado islâmico na Assembléia Nacional, os imigrantes carecem de representação política. E quanto ao desemprego, os jovens sentem a discriminação na pele.

Segundo estimativas um europeu tem cinco vezes mais chance de conseguir emprego que um descendente de árabe ou africano.

O quadro de barbárie social levou o governo francês a decretar estado de emergência no início de novembro e o toque de recolher foi utilizado em cinco cidades. Esta legislação de exceção foi utilizada pela última vez, pelos franceses, em 1955, na Guerra da Argélia.

Análise Espírita

No contexto exposto identifica-se uma parcela social revoltada diante da discriminação que lhe é imposta pela maioria. Os jovens imigrantes franceses não se rebelam contra a miséria, como a que existe no Brasil, por exemplo, pois esta nem mesmo é vivenciada lá; eles revelam e exteriorizam seu ódio contra a marginalização social, falta de oportunidades e ausência de integração social. Vivem num país, mas não pertencem a ele, e assim atacam não só o governo ou suas instituições, mas a própria sociedade que os discrimina.

Tais problemas sociais enfrentados pela França, atualmente, podem ser analisados à luz de leis que estão presentes no Universo e regem a conduta humana, dentre eles se destaca, por ora, aspectos da Lei de Sociedade e Lei do Progresso.

Diz o LE, questões 766 a 768, que Deus fez o homem para viver em sociedade, as faculdades por Ele fornecidas, são as necessárias a vida de relação. O homem busca o relacionamento com os outros por instinto, sendo o isolamento contrário à lei natural. Todos convivendo uns com os outros devem ajudar-se mutuamente e concorrer para o progresso.

O homem deve progredir e sozinho não possui todas as faculdades para isso, daí precisa do contato com os outros. No isolamento ele se embrutece e se estiola.

Assim, a marginalização de ▶

peças ou grupos, que possa refletir um isolamento, uma forma de exclusão social afeta o ser humano e seu desenvolvimento que tem dificuldades de se sentir inserido no meio social, sendo capaz de se embrutecer e cometer atos bárbaros como os expostos acima.

De outro lado cabe também destacar que a história da França foi marcada por revoluções significativas, cujos reflexos são mundiais. Em 1789, na Queda da Bastilha, a França se tornou berço dos direitos do cidadão. Desde a década de 70 o governo francês investiu muito dinheiro em frentes para erguer os subúrbios. Depois, em 1981, a partir da primeira revolta de imigrantes, o governo procurou concentrar seus esforços em infra-estrutura, escolas, hospitais, zonas francas para o estabelecimento de empresas.

Todavia a periferia francesa sofre com um problema que muitas vezes independe até de recursos materiais, mas revela-se eminentemente moral, ou seja, o preconceito, a discriminação. O progresso moral é consequência do intelectual, mas não o segue imediatamente. A contradição instalada atualmente na sociedade da França é um exemplo disso; país desenvolvido, mas que sofre com atos vândalos provocados por outra falha moral que é justamente o tratamento diferenciado e depreciativo dado aqueles que são diferentes da maioria, ou seja, uma chaga social levou a outra. A reação dos marginalizados, por

sua vez, também beira à barbárie e vandalismo, que parece carecer de uma educação moral básica como, por exemplo, o respeito para com o próximo, a valorização da família, sem falar na caridade e no amor.

O progresso é regular e lento, garantem os espíritos superiores. "Quando um povo não avança bastante rápido, Deus lhe provoca de tempos em tempos, um abalo físico ou moral que o transforma" (questão 783 do LE).

clarece pela própria força das circunstâncias. As revoluções morais, como as revoluções sociais, se infiltram pouco a pouco nas idéias, germinam ao longo dos séculos e depois explodem subitamente, fazendo ruir o edifício carcomido do passado, que não se encontra mais de acordo com as necessidades novas e as novas aspirações.

O homem geralmente não percebe, nessas comoções, mais do que a desordem e a confusão momentâ-

...a marginalização de pessoas ou grupos, que possa refletir um isolamento, afeta o ser humano e seu desenvolvimento

O comentário de Kardec, nesta questão de O Livro dos Espíritos, elucida o que, na visão espírita, há por de trás de "rebeliões" tais quais a do subúrbio francês e como o homem deve se posicionar diante delas:

"Sendo o progresso uma condição da natureza humana ninguém tem o poder de se opor a ele. É uma força viva que as más leis podem retardar, mas não asfixiar. Quando essas leis se tornam de modo incompatíveis com o progresso, ele as deruba, com todos os que as querem manter, e assim será até que o homem harmonize as suas leis com a justiça divina, que deseja o bem para todos, e não as leis feitas para o forte em prejuízo do fraco.

O homem não pode permanecer perpetuamente na ignorância, porque deve chegar ao fim determinado pela Providência; ele se es-

neias, que o atingem nos seus interesses materiais, mas aquele que eleva o seu pensamento acima dos interesses pessoais, admira os desígnios da Providência que do mal faz surgir o bem. São a tempestade e o furacão que saneiam a atmosfera, depois de a haverem revolvido".

Cabe, agora, não somente à sociedade francesa, mas todo o mundo civilizado que está acompanhando esta situação aprender com isso e galgar mais um degrau, agora na evolução moral, pois, como visto, está aí todo o cerne do problema. ■

Fontes:

KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos. LAKE, 5ª edição, 1998.

O inimigo interno. Revista Época, 14 de novembro de 2005.

A voz dos subúrbios. Revista Veja, 16 de novembro de 2005.

Memorial para Chico Xavier

por Adriana Levantesi

ANÁLISE DE NOTÍCIA

Em meados de outubro/2005 diversos veículos de comunicação não espíritas divulgaram a notícia abaixo transcrita e que merece uma análise criteriosa sob a ótica da

doutrina espírita, a fim de possibilitar uma melhor compreensão desta e seus objetivos.

"Chico Xavier pode ter memorial
Intenção dos organizadores é

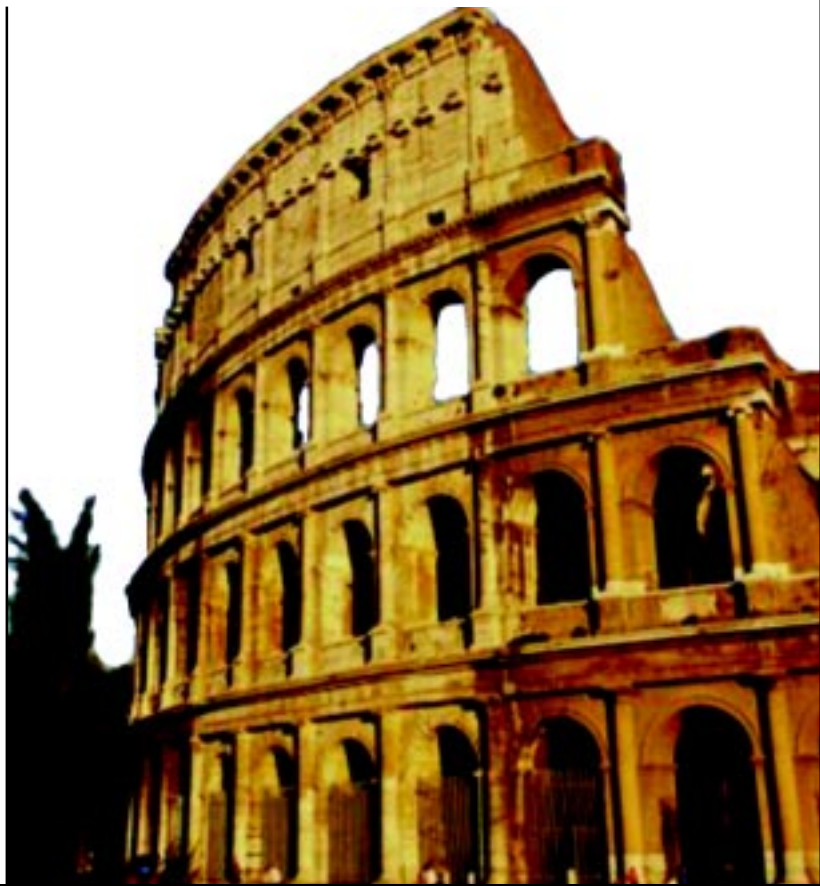
criar, em Uberaba, a "Roma do espiritismo".

Para tentar resgatar e preservar a história do mais famoso médium do Brasil, Francisco Cândido Xavier, o Chico Xavier, a prefeitura e a Universidade Federal de Uberaba querem construir um memorial para ele na cidade. "Nós queremos que Uberaba seja a Roma do espiritismo", afirmou o secretário de Ciências, Tecnologia e Desenvolvimento do município, Ricardo Saud. De acordo com o secretário, o projeto do memorial está sendo desenvolvido pelo arquiteto Oscar Niemeyer. "É uma doação dele" (Niemeyer), afirmou Saud. O projeto deve estar concluído até o final deste ano. A intenção do projeto, ainda de acordo com ele, é reunir aproximadamente 300 mil pessoas por ano em Uberaba. "Estamos nos preparando para receber melhor esses turistas espirituais", afirmou o secretário.

Saud disse também que ainda não há uma previsão sobre o investimento necessário para a conclusão da obra, já que isso vai depender do projeto de Niemeyer, mas que a maior parte dos recursos serão garimpados em uma campanha que terá ajuda de apresentadores de TV como Fausto Silva, Gugu Liberato e Carlos Massa, o Ratinho.

Ainda de acordo com o secretário, o município enviou para a Câmara local um projeto que prevê a

Intenção dos organizadores é criar, em Uberaba, a "Roma do espiritismo"





Oscar Niemeyer, renomado arquiteto, projetista de Brasília

criação da "taxa turismo". A previsão é que arrecade 1% dos faturamentos ligados ao setor turístico. Esses recursos, se aprovada a lei, serão destinados à manutenção do memorial em homenagem a Chico Xavier. Parte do dinheiro também pode ser utilizada para auxiliar as casas assistenciais que sofrem por conta da falta de recursos. Um dos motivos foi a queda no total de pessoas que visitavam a cidade quando Chico era vivo.

Mensalmente, de acordo com o filho de Chico, Eurípedes Humberto Higino dos Reis, no máximo 200 pessoas visitam o museu e o centro do médium. "Diminuiu muito. O povo vinha atrás do fenômeno Chico Xavier", disse."

Considerações iniciais

Da observação de algumas expressões contidas no texto acima e que foram destacadas (em negrito) para esta análise não é forçoso con-

forme a intenção dos organizadores, estará para o Brasil, ou melhor, para os "turistas espirituais", tal qual Roma está para os católicos.

Para a arrecadação de recursos, que viabilizaram a grande obra, estão sendo planejadas campanhas que contaram com o apoio e presença de renomados e populares apresentadores de TV, bem como foi encaminhado para a Casa Legislativa competente, projeto sobre uma "taxa turismo", cujos futuros proventos serão destinados à manutenção do memorial, sendo que parte poderá ser destinada a auxiliar as casas assistenciais, que sofrem com a falta de recursos.

Da leitura ainda extrai-se que a circulação de pessoas em Uberaba, após o desencarne de Chico Xavier, diminui consideravelmente, cerca de 200 pessoas por mês visitam mensalmente o museu e o centro do médium, certamente isso repercutiu numa queda brusca

A expectativa é construir algo fenomenal e grandioso

cluír que há uma gama um pouco maior de objetivos, interligados na construção do "memorial" ao médium, que não somente os de "resgatar" e "preservar" a memória do querido e saudoso Chico Xavier.

A expectativa é construir algo fenomenal e grandioso, tendo por pano de fundo projeto desenvolvido pelo famoso arquiteto (projetista de Brasília) Oscar Niemeyer capaz de reunir 300 mil pessoas por ano na pequena Uberaba, que, con-

do turismo da cidade e o memorial pode ser o caminho para a retomada dos "turistas espirituais".

Análise Espírita

É indiscutível a importância e contribuição de Chico Xavier para o movimento espírita. O médium de Uberaba foi um exemplo de tarefeiro humilde e resignado, figura de projeção mundial que preferiu apagar-se para o mundo a fim de valorizar a verdadeira vivência



Busto em bronze na entrada do mausoléu no Cemitério de Uberaba

Chico Xavier nunca se preocupou com as riquezas e posses materiais

cristã. Chico trabalhou até o fim de sua jornada terrena em benefício da humanidade, uma de suas principais colaborações foi ser instrumento da mensagem espírita através da psicografia de mais de 400 obras. Desenvolveu a maioria de suas tarefas no Grupo Espírita da Prece, em Uberaba, onde atendia milhares de pessoas que saíam de lá confortadas com as interpretações das lições de Jesus e mensagens recebidas de entes queridos já desencarnados. No atendimento aos sofredores Chico esquecia suas dores e aborrecimentos pessoais, vez que acometido de doenças também se encontrava dentre os que sofrem, para mergulhar no trabalho e consolar, sendo exemplo e inspiração para todos, especialmente para os que laboram na seara cristã.

Após o desencarne do médium em 30.06.02 o Grupo Espírita da Prece continua com as atividades que eram desenvolvidas quando Chico ainda habitava a órbita terrena. A casa simples, onde ele vivia, foi transformada em museu e preservada como ele deixou. No cemitério de Uberaba, onde Chico foi enterrado, a editora Ideal, de São Paulo, construiu um mausoléu, não é suntuoso, mas chama atenção. Sobre o túmulo há uma estátua em bronze da figura do médium sentado à mesa psicografando, e ao redor existe uma redoma de vidro, contendo obras como Parnaso de Além-túmulo (primeiro livro psicografado), romances de Emmanuel, Nosso Lar e uma edição de O Evangelho Segundo o Espiritismo.

Essas homenagens, que podem ser encontradas em Uberaba, não condizem com a vivência de Francisco Cândido Xavier, exemplo de trabalhador humilde e servo dos necessitados, que nunca se preocupou com as riquezas e posses materiais, mas sim com as riquezas da alma. Não há mal em homenagear, o problema e risco está nos exageros que facilmente podem ser cometidos, bem como no desvio da finalidade da "homenagem".

A memória de Chico Xavier está imortalizada e verdadeiramente enraizada não nas edificações que visam recordá-lo, mas no coração daqueles que buscaram o consolo nas suas palavras ou simples presença; nos ensinamentos contidos nas 412 obras por ele psicografadas; naqueles que foram socorridos através das obras assistenciais que ele ajudou a construir; no seu exemplo de vida e de trabalho. Isto as ações do tempo não foram desaparecer.

Querer transformar a cidade natal do médium na "Roma do espiritismo", a fim de atrair mais "tu-

ristas espirituais" e fazer do humilde Chico um ídolo é algo temerário e não condiz com a doutrina que através de suas mãos foi transmitida para milhares de pessoas e continuará sendo difundida por meio dos livros publicados.

"Não vos façais, pois. Idólatras", disse Paulo (I Coríntios, 10:7), re-



comendação que deve ser aplicada em qualquer tempo nas práticas religiosas do mundo. A idolatria deve ser evitada a todo custo vez que pode trazer conseqüências desastrosas.

O espírito Emmanuel fornece importantes orientações sobre o tema em mensagem intitulada "Perigos Sutis", da qual destaca-se os trechos seguintes: "As homenagens inoportunas costumam perverter os médiuns dedicados e inexperientes, além de criarem certa atmosfera de incompreensão que impede a exteriorização espontânea dos verdadeiros amigos do bem, no plano espiritual.

Ninguém se esqueça da condição de aperfeiçoamento relativo dos mensageiros desencarnados que se

comunicam e do quadro de necessidades imediatas da vida dos medianeiros humanos."

Nas palavras de Emmanuel nota-se o perigo sutil ao qual este espírito se refere. As honrarias exageradas e inadequadas podem prejudicar a prática da mediunidade em si, pois acabam escorregando para

Em meio a memoriais, e construções suntuosas o essencial acaba sendo esquecido

a exaltação do instrumento, ou seja, do médium, em detrimento da mensagem ditada através dele pelos espíritos.

Interpretando ainda a mensagem de Emmanuel ressalta-se que por meio do estudo da doutrina espírita aprende-se que os espíritos estão em constante evolução e que o único espírito perfeito que habitou a Terra foi Jesus Cristo, guia e modelo para a humanidade, assim, os encarnados, bem como os milhares espíritos que os assistem e com eles convivem também estão ganhando os degraus do progresso espiritual, não havendo, portanto, justificativa para idolatrias e exaltações excessivas, cada qual está no seu processo de evolução particular e deve se esforçar para fazer tudo o que estiver ao seu alcance para progredir e seguir os ensinamentos do Cristo.

Mister ressaltar que não se está contra as homenagens, como já mencionado, e nem se ignora a contribuição prestada por trabalhadores como Chico Xavier. O proble-

ma e perigo estão nos excessos, desvios de objetivo e sobretudo na exploração do povo e sua crença. Em meio a memoriais, e construções suntuosas o essencial acaba sendo esquecido, qual seja, que a fé e as leis morais habitam não templos de pedra, mas o coração dos homens que guarda em si o germe da per-

feição. Há que se ter cuidado com a redenção ao império de Mamom (riqueza).

O legado que Chico Xavier deixou para a humanidade consistente no, seu exemplo de humildade e resignação, obras assistenciais, dedicação aos sofredores e ensinamentos dos espíritos grafados nos livros por meio de sua psicografia podem ser estudados e vivenciados a qualquer momento e lugar hoje e sempre por todo aquele que de coração aberto se dispuser a viver a mensagem de Jesus e progredir, e isto manterá para sempre viva a sua memória e história. ■

Fonte

1. O melhor templo. Revista Fidelidade Espírita nº 30, ano 3.
2. KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos. 3º tomo, lei de adoração, Cap. II. Feb.
3. XAVIER, Francisco Candido / EMMANUEL/ Pão Nosso. Página 116. 22ª edição. Feb
4. Sempre Chico Xavier. Jornal Espírita Alavanca nº 484, ano 47.
5. Jornal Correio Popular. Caderno Brasil, 31.10.05, Campinas/SP.

Pensando sobre o Universo

por Stephen Hawking e Leonard Mlodinow

Vivemos num estranho e maravilhoso universo. Apreciar sua idade, tamanho, violência e beleza exige uma imaginação extraordinária. O lugar que nós, seres humanos, ocupamos neste vasto cosmo pode parecer bem insignificante e, portanto, tentamos dar um sentido a tudo isso e ver onde é que nos encaixamos. Algumas décadas atrás, um cientista famoso (alguns dizem que teria sido Bertrand Russell) deu uma palestra pública sobre astronomia. Ele descreveu como a terra gira numa órbita ao redor do Sol e como

o Sol, por sua vez, gira ao redor do centro de uma vasta coleção de estrelas a que chamamos de nossa galáxia. No final da palestra, uma velhinha, no fundo da sala, levantou-se e disse: "O que você nos disse é uma grande bobagem. O mundo é, na verdade, um prato chato apoiado nas costas de uma tartaruga gigante". O cientista lançou um sorriso superior antes de replicar: "E a tartaruga está de pé sobre o quê?" "Você é muito esperto meu jovem, muito esperto", disse a senhora. "Acontece que são tartarugas de cima a baixo!"

Hoje em dia, a maioria das pessoas acharia bem ridícula a imagem do nosso universo como uma torre infinita de tartarugas. Mas por que deveríamos supor que nosso conhecimento é melhor? Esqueça por um minuto o que você sabe - ou acha que sabe - sobre o espaço. Então, olhe fixamente para cima, no céu noturno. Como você interpretaria todos aqueles pontos de luz? Seriam fogos minúsculos? Pode ser difícil imaginar o que eles realmente são, pois o que realmente são está muito além de nossa experiência comum. Se você costuma ficar ob-



servando as estrelas, é provável que tenha visto uma luz fugidia que paira perto do horizonte no crepúsculo. É um planeta, Mercúrio, mas ele não é nem um pouco parecido com o nosso próprio planeta. Um dia em Mercúrio dura dois terços do ano do planeta. A superfície atinge temperaturas acima de 400 graus Celsius quando o Sol aparece e depois cai para quase 200 graus Celsius às altas horas da noite. Por mais diferente que Mercúrio seja de nosso próprio planeta, é muito mais difícil imaginar uma estrela típica, que é uma enorme fornalha que queima bilhões de quilos de matéria a cada segundo e atinge temperaturas de dezenas de milhões de graus em seu núcleo.

Outra coisa difícil de imaginar é a que distância os planetas e as estrelas estão. Os chineses antigos construíam torres de pedra para que conseguissem ter uma visão mais próxima das estrelas. É natural imaginar que as estrelas e os planetas estejam muito mais perto do que realmente estão - afinal, na vida diária, não temos experiência alguma com as enormes distâncias do espaço. Aquelas distâncias são tão imensas que nem sequer faz sentido medi-las em metros ou quilômetros, do jeito que medimos a maioria dos comprimentos. Em vez disso, usamos o ano-luz, que é a distância que a luz percorre em um ano. Em um único segundo, um feixe de luz percorrerá 300.000 quilômetros; logo, um ano-luz é uma distância muitíssimo grande. A estrela mais próxima, exceção feita ao nosso Sol, é chamada Próxima do Centauro (também conhecida como Alfa do Centauro C), que

está a uma distância de aproximadamente quatro anos-luz. Isto é tão longe que, mesmo com a mais veloz espaçonave atualmente nas pranchetas, uma viagem até ela levaria cerca de dez mil anos.

Os povos antigos tentaram com afinco entender o universo, mas eles ainda não tinham desenvolvi-

do nossa matemática e ciência. Hoje, temos ferramentas poderosas: ferramentas mentais como a matemática e o método científico e ferramentas tecnológicas como os computadores e os telescópios. Com a ajuda dessas ferramentas, os cientistas juntaram um bocado de conhecimento sobre o espaço. Mas o que é que realmente sabemos sobre o universo e como é que sabemos? De onde veio o universo? Para onde está indo? O universo teve um início e, em caso afirmativo, o que aconteceu antes disso? Qual a natureza do tempo? Ele algum dia chegará a um fim? Podemos voltar no tempo? Recentes avanços na física, que se tornaram possíveis em parte pela nova tecnologia, sugerem respostas para algumas dessas perguntas antigas. Algum dia, essas respostas poderão parecer tão óbvias para nós quanto a Terra orbitando o Sol - ou, quem sabe, tão ridículas quanto uma torre de tartarugas. Só o tempo (o que quer que possa ser) dirá.

A natureza de uma teoria Científica

Para falar sobre a natureza do universo e discutir questões como, por exemplo, se ele possui um início e um fim, é necessário deixar bem claro o que é uma teoria científica. Tomemos a visão simplória de que a teoria é tão somente um mo-

É natural imaginar que as estrelas e os planetas estejam muito mais perto do que realmente estão

delo do universo, ou de uma parte restrita dele, e um conjunto de regras que relacionam quantidades no modelo com as observações que fazemos. Ela existe apenas em nossas mentes e não tem qualquer outra realidade (o que quer que isto possa significar). Uma teoria será uma boa teoria se satisfizer duas exigências. Ela deve descrever com exatidão uma grande classe de observações com base em um modelo que contenha somente poucos elementos arbitrários e deve fazer previsões bem-definidas sobre os resultados de observações futuras. Por exemplo, Aristóteles acreditava na teoria de Empédocles de que tudo era feito de quatro elementos: terra, ar, fogo e água. Isto era suficientemente simples, mas não fazia quaisquer previsões definitivas. Por outro lado, a teoria da gravidade de Newton se baseava em um modelo mais simples ainda, no qual os corpos se atraíam reciprocamente com uma força que era proporcional a uma quantidade chamada de massa de cada um e inversamente proporci-

onal ao quadrado da distância entre eles. Contudo, ela prevê os movimentos do Sol, da Lua e dos planetas com o alto grau de precisão.

Qualquer teoria física é sempre provisória, no sentido de ser apenas uma hipótese: nunca é possível prová-la. Não importa quantas vezes os resultados dos experimentos estejam de acordo com alguma teoria, você nunca poderá ter certeza de que, na próxima vez, o resultado não contradirá a teoria. Por outro lado, você pode desacreditar uma teoria encontrando uma única observação que seja discordante das previsões da teoria. Como enfatizou o filósofo da ciência Karl Popper, uma boa teoria é caracterizada pelo fato de fazer várias previsões que, em princípio, poderiam ser refutadas ou invalidadas pela observação. A cada vez que se obser-

va que novos experimentos são concordantes com as previsões, a teoria sobrevive e aumenta a nossa confiança nela; porém, se algum dia for constatado que uma nova observação é discordante, precisaremos abandonar ou modificar a teoria.

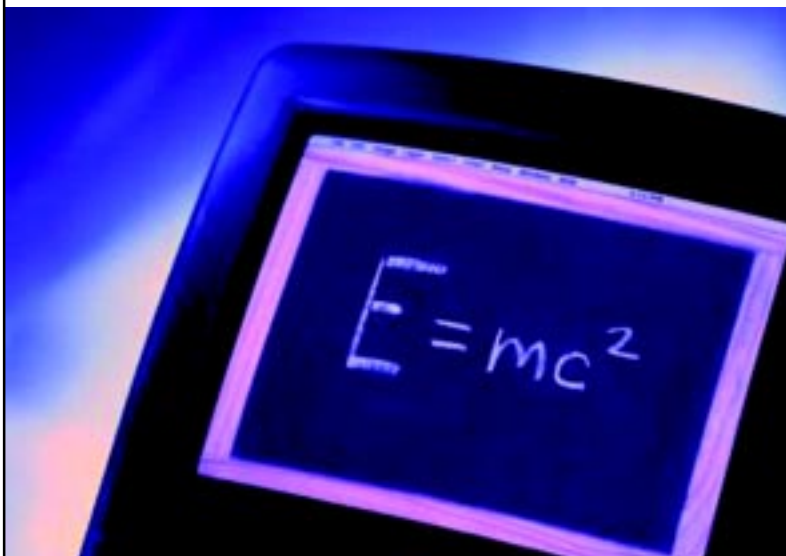
Pelo menos é isso que supostamente deve acontecer, mas é sempre possível questionar a competência da pessoa que realizou a observação.

Na prática, o que ocorre frequentemente é que uma nova teoria concebida é, na verdade, uma extensão da teoria anterior. Por exemplo, observações bem precisas do planeta Mercúrio revelaram uma pequena diferença entre seu movimento e as previsões da teoria da gravidade de Newton. A teoria geral da relatividade de Einstein previu um movimento ligeiramente diferente daquela da teoria de Newton. O fato de as

previsões de Einstein terem coincido com aquilo que foi observado, enquanto as de Newton não coincidiam, foi uma das confirmações cruciais da nova teoria. Contudo, ainda usamos a teoria de Newton para a maioria das finalidades práticas porque a diferença entre suas previsões e aquelas da relatividade geral é muito pequena nas situações com que normalmente lidamos. (A teoria de Newton tem ainda grande vantagem de ser muito mais simples de se trabalhar do que a de Einstein!).

O objetivo final da ciência é oferecer uma única teoria que descreva o universo inteiro. Entretanto, o enfoque seguido pela maioria dos cientistas é, na verdade, separar o problema em duas partes. Em primeiro lugar, existem as leis que nos informam como o universo se altera com o decorrer do tempo. (Se soubermos qual a aparência do universo em qualquer dado momento, essas leis nos informarão que aparência ele terá em qualquer dado momento futuro). Segundo, existe a questão do estado inicial do universo. Algumas pessoas acham que a ciência deveria se dedicar apenas à primeira parte; elas consideram a questão da situação inicial uma questão para a metafísica ou a religião. Elas diriam que Deus, sendo onipotente, poderia ter dado início ao universo de qualquer maneira que Lhe aprouvesse. Pode ser que sim, mas, neste caso, Ele também poderia ter feito com que o universo se desenvolvesse de uma maneira inteiramente arbitrária. Contudo, parece que Deus optou por fazê-lo evoluir de uma maneira bem regular, de acordo com certas

Qualquer teoria física é sempre provisória, no sentido de ser apenas uma hipótese



leis. Logo, parece igualmente razoável supor que também existam leis que governam o estado inicial.

Acontece que é muito difícil inventar uma teoria que descreva o universo de uma só vez. Pelo contrário, decompomos o problema em pedaços e inventamos várias teorias parciais. Cada uma dessas teorias parciais descreve e prevê uma determinada e limitada classe de observações, desconsiderando os efeitos de outras quantidades, ou representando-os por simples conjuntos de números. É possível que este enfoque esteja inteiramente errado. Se tudo no universo depender de tudo o mais de uma maneira fundamental, poderia ser impossível chegar mais perto de uma solução completa através da investigação de partes isoladas do problema. Ainda assim, foi desta maneira que fizemos progresso no passado. O exemplo clássico é novamente a teoria newtoniana da gravidade, que nos informa que a força gravitacional entre dois corpos depende somente de um único número associado a cada corpo - sua massa -, sendo, em todos os outros sentidos, independente daquilo de que os corpos são feitos. Portanto, não precisamos ter uma teoria da estrutura e constituição do Sol e dos planetas para calcular suas órbitas.

Hoje, os cientistas descrevem o universo em termos de duas teorias parciais básicas - a teoria geral da relatividade e a mecânica quântica. Estas são as grandes conquistas intelectuais da primeira metade do século XX. A teoria geral da relatividade descreve a força da gravidade e a estrutura em grande escala do universo; isto é, desde estruturas em escalas de ape-



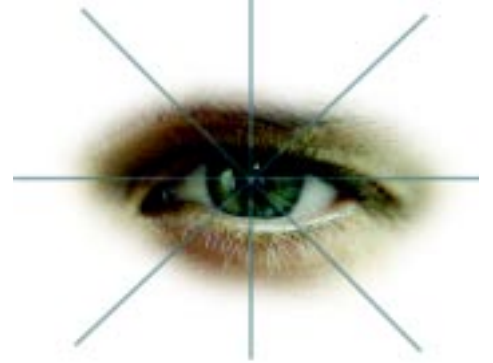
O objetivo final da ciência é oferecer uma única teoria que descreva o universo inteiro

nas alguns quilômetros até do tamanho de um milhão de milhão de milhão de milhão (1 com 24 zeros depois dele) de quilômetros, o tamanho do universo observável. A mecânica quântica, por outro lado, lida com o fenômeno em escalas extremamente pequenas, como um milionésimo de milionésimo de centímetro. Infelizmente, contudo, essas duas teorias são sabidamente incoerentes entre si - não é possível que ambas estejam corretas. Um dos maiores empreendimentos da física hoje, e o principal tema deste livro, é a busca de uma nova teoria que incorpore ambas - uma teoria quântica da gravidade. Ainda não temos tal teoria e podemos ainda estar muito longe de encontrá-

la, mas já conhecemos muitas das propriedades que ela deve ter. Veremos nos próximos capítulos que já sabemos um bocado sobre as previsões que uma teoria quântica da gravidade deverá fazer. ■

STEPHEN HAWKING é professor Lucasiano de matemática na Universidade de Cambridge; seus outros livros para o leitor leigo incluem a coleção de ensaios Buracos negros e universos-bebês e O universo numa casca de noz.

LEONARD MLODINOW, colaborador desta nova edição, lecionou no Instituto de Tecnologia da Califórnia (Cal Tech), escreveu para Jornada nas estrelas: a próxima geração e é autor de A janela de Euclides e O arco-íris de Feynman.



VISÃO ESPÍRITA

por Allan Kardec

(...) No ponto a que chegou em o século dezenove, venceu a Ciência todas as dificuldades do problema da Gênese? Não, decerto; mas, não há contestar que destruiu, sem remissão, todos os erros capitais e lhe lançou os fundamentos essenciais sobre dados irrecusáveis. Os pontos ainda duvidosos não passam, a bem dizer, de questões de minúcias, cuja solução, qualquer que venha a ser

aparentes do que reais e provêm, ou de falsa interpretação atribuída a certos termos, cuja primitiva significação se perdeu, ao passarem de língua em língua pela tradução, ou cuja acepção mudou com os costumes dos povos, ou, também, decorrem da forma alegórica peculiar ao estilo oriental e que foi tomada ao pé da letra, em vez de se lhe procurar o espírito.

De todas as Gêneses antigas, a que mais se aproxima dos modernos dados científicos, é a de Moisés

no futuro, não poderá prejudicar o conjunto. Ao demais, malgrado aos recursos que ela há tido à sua disposição, faltou-lhe, até agora, um elemento importante, sem o qual jamais a obra poderia completar-se.

De todas as Gêneses antigas, a que mais se aproxima dos modernos dados científicos, sem embargo dos erros que contém, postos hoje em evidência, é incontestavelmente a de Moisés. Alguns desses erros são mesmo mais

A Bíblia, evidentemente, encerra fatos que a razão, desenvolvida pela Ciência, não poderia hoje aceitar e outros que parecem estranhos e derivam de costumes que já não são os nossos. Mas, a par disso, haveria parcialidade em se não reconhecer que ela guarda grandes e belas coisas. A alegoria ocupa ali considerável espaço, ocultando sob o seu véu sublimes verdades, que se patenteiam, desde que se desça ao âmago do pensamento, pois

que logo desaparece o absurdo.

Por que então não se lhe ergueu mais cedo o véu? De um lado, por falta de luzes que só a Ciência e uma sã filosofia podiam fornecer e, de outro lado, por efeito do princípio da imutabilidade absoluta da fé, consequência de um respeito ultracego à letra, e, assim, pelo temor de comprometer a estrutura das crenças, erguida sobre o sentido literal.

Partindo, tais crenças, de um ponto primitivo, houve o receio de que, se se rompesse o primeiro anel da cadeia, todas as malhas da rede acabassem separando-se. Fecharam-se então os olhos obstinadamente. Mas, fechar os olhos ao perigo não é evitá-lo. Quando uma construção se afasta do prumo, não manda a prudência que se substituam imediatamente as pedras ruins por pedras boas, em vez de se esperar, pelo respeito que infunde a vetustez do edifício, que o mal se torne irremediável e que se faça preciso reconstruí-lo de cima a baixo?

Levando suas investigações às entranhas da Terra e às profundezas dos céus, demonstrou a Ciência, de maneira irrefragável, os erros da Gênese mosaica tomada ao pé da letra e a impossibilidade material de se terem as coisas passado como são ali textualmente referidas. Ora, assim procedendo, a Ciência, do mesmo passo, fundo golpe desferiu em crenças seculares. A fé ortodoxa se sobressaltou, porque julgou que lhe tiravam a pedra fundamental.

Mas, com quem havia de estar a razão: com a Ciência, que caminhava prudente e progressivamente pelos terrenos sólidos dos algarismos e da observação, sem nada afirmar antes de ter em mãos as provas, ou com uma narrativa escrita quando faltavam absolutamente os meios de observação? No fim de contas, quem há de levar a melhor: aquele que diz 2 e 2 fazem 5 e se

a religião sofre dano, a culpa não é da Ciência, que não pode fazer que o que é deixe de ser; mas, dos homens, por haverem, prematuramente, estabelecido dogmas absolutos, de cujo prevailecimento hão feito questão de vida ou de morte, sobre hipóteses suscetíveis de serem desmentidas pela experiência. Há coisas com cujo sacrifício temos de resignar-nos,

Se a Religião se nega a avançar com a Ciência, esta avançará sozinha

nega a verificar, ou aquele que diz que 2 e 2 fazem 4 e o prova?

Mas, objetam, se a Bíblia é uma revelação divina, então Deus se enganou. Se não é uma revelação divina, carece de autoridade e a religião desmorona, à falta de base. Uma de duas: ou a Ciência está em erro, ou tem razão. Se tem razão, não pode fazer seja verdadeira uma opinião que lhe é contrária. Não há revelação que se possa sobrepor à autoridade dos fatos.

Incontestavelmente, não é possível que Deus, sendo todo verdade, induza os homens em erro, nem ciente, nem inscientemente, pois, do contrário, não seria Deus. Logo, se os fatos contradizem as palavras que lhe são atribuídas, o que se deve logicamente concluir é que ele não as pronunciou, ou que tais palavras foram entendidas em sentido oposto ao que lhes é próprio. Se, com semelhantes contradições,

bom ou mau grado, quando não consigamos evitá-lo. Desde que o mundo marcha, sem que a vontade de alguns possa detê-lo, o mais sensato é que o acompanhemos e nos acomodemos com o novo estado de coisas, em vez de nos agarrarmos ao passado que se esboroa, com o risco de sermos arrastados na queda.

Por guardar respeito aos Textos Sagrados, dever-se-ia obrigar a Ciência a calar-se? Fora tão impossível isso, como impedir que a Terra gire. As religiões, sejam quais forem, jamais ganharam coisa alguma em sustentar erros manifestos.

A Ciência tem por missão descobrir as leis da Natureza. Ora, sendo essas leis obra de Deus, não podem ser contrárias a religiões que se baseiem na verdade. Lançar anátema ao progresso, por atentatório à religião, é lançá-lo

à própria obra de Deus. É ao demais, trabalho inútil, porquanto nem todos os anátemas do mundo seriam capazes de obstar a que a Ciência avance e a que a verdade abra caminho. Se a Religião se nega a avançar com a Ciência, esta avançará sozinha.

Somente as religiões estacionárias podem temer as descobertas da Ciência, as quais funestas só o são às que se deixam distanciar pelas idéias progressistas, imobilizando-se no absolutismo de suas crenças. Elas, em geral, fazem tão mesquinha idéia da Divindade, que não compreendem que assimilar as leis da Natureza, que a Ciência revela, é glorificar a Deus em suas obras. Na sua cegueira, porém, preferem render homenagem ao Espírito do mal, atribuindo-lhe essas leis. Uma religião que não estivesse, por ne-

Por esse lado, chegou a inteirar-se, com exatidão, das partes principais do mecanismo do Universo e do organismo humano. Assim, sobre esse ponto capital, pode completar a Gênese de Moisés e retificar-lhe as partes defeituosas. Mas a história do homem, considerado como ser espiritual, se prende a uma ordem especial de idéias, que não são do domínio da Ciência propriamente dita e das quais, por este motivo, não tem ela feito objeto de suas investigações.

A Filosofia, a cujas atribuições pertence, de modo mais particular, esse gênero de estudos, apenas há formulado, sobre o ponto em questão, sistemas contraditórios, que vão desde a mais pura espiritualidade, até a negação do princípio espiritual e mesmo de Deus, sem outras bases, afora as idéias pessoais de

Sobre todos esses pontos, a Ciência se conserva muda. A Filosofia apenas emite opiniões que concluem em sentido diametralmente oposto, mas que, pelo menos, permitem se discuta, o que faz com que muitas pessoas se lhe coloquem do lado, de preferência a seguirem a religião, que não discute.

Todas as religiões são acordes quanto ao princípio da existência da alma, sem, contudo, o demonstrarem. Não o são, porém, nem quanto à sua origem, nem com relação ao seu passado e ao seu futuro, nem, principalmente, e isso é o essencial, quanto às condições de que depende a sua sorte vindoura. Em sua maioria, elas apresentam, do futuro da alma, e o impõem à crença de seus adeptos, um quadro que somente a fé cega pode aceitar, visto que não suporta exame sério. Ligado aos seus dogmas, às idéias que nos tempos primitivos se faziam do mundo material e do mecanismo do Universo, o destino que elas atribuem à alma não se concilia com o estado atual dos conhecimentos. Não podendo, pois, senão perder com o exame e a discussão, as religiões acham mais simples proscrever um e outra.

Dessas divergências no tocante ao futuro do homem nasceram a dúvida e a incredulidade. Entretanto, a incredulidade dá lugar a um penoso vácuo. O homem encara com ansiedade o desconhecido em que tem fatalmente de penetrar. Gela-o a idéia do nada. Diz-lhe a consciência que

Todas as religiões são acordes quanto a existência da alma, sem, contudo, o demonstrarem

num ponto, em contradição com as leis da Natureza, nada teria que temer do progresso e seria invulnerável.

A Gênese se divide em duas partes: a história da formação do mundo material e da Humanidade considerada em seu duplo princípio, corporal e espiritual. A Ciência se tem limitado à pesquisa das leis que regem a matéria. No próprio homem, ela apenas há estudado o envoltório carnal.

seus autores. Tem, pois, deixado sem decisão o assunto, por falta de verificação suficiente.

Esta questão, no entanto, é a mais importante para o homem, por isso que envolve o problema do seu passado e do seu futuro. A do mundo material apenas indiretamente o afeta. O que lhe importa saber, antes de tudo, é donde ele veio e para onde vai, se já viveu e se ainda viverá, qual a sorte que lhe está reservada.

alguma coisa lhe está reservada para além do presente. Que será? Sua razão, com o desenvolvimento que alcançou, já lhe não permite admitir as histórias com que o acalentaram na infância, nem aceitar como realidade a alegoria.

Qual o sentido dessa alegoria? A Ciência lhe rasgou um canto do véu; não lhe revelou, porém, o que mais lhe importa saber. Ele interroga em vão, nada lhe responde ela de maneira peremptória e apropriada a lhe acalmar as apreensões. Por toda parte depara com a afirmação a se chocar com a negação, sem que de um lado ou de outro se apresentem provas positivas. Daí a incerteza, e a incerteza sobre o que concerne à vida futura faz que o homem se atire, tomado de uma espécie de frenesi, para as coisas da vida material.

Esse o inevitável efeito das épocas de transição: rui o edifício do passado, sem que ainda o do futuro se ache construído. O homem se assemelha ao adolescente que, já não tendo a crença ingênua dos seus primeiros anos, ainda não possui os conhecimentos próprios da maturidade. Apenas sente vagas aspirações, que não sabe definir.

Se a questão do homem espiritual permaneceu, até aos dias atuais, em estado de teoria, é que faltavam os meios de observação direta, existentes para comprovar o estado do mundo material, conservando-se, portanto, aberto o campo às concepções do espírito humano. Enquanto o homem não conheceu as leis que regem a ma-

téria e não pôde aplicar o método experimental, andou a errar de sistema em sistema, no tocante ao mecanismo do Universo e à formação da Terra. O que se deu na ordem física, deu-se também na ordem moral. Para fixar as idéias, faltou o elemento essencial: o conhecimento das leis a que se acha su-

com os habitantes do mundo espiritual, possível se tornou ao homem seguir a alma em sua marcha ascendente, em suas migrações, em suas transformações.

Pode-se, enfim, estudar o elemento espiritual. Eis aí o de que careciam os anteriores comentadores da Gênese, para a compreen-

A mediunidade foi, para o mundo espiritual, o que o telescópio foi para o mundo astral

jeito o princípio espiritual. Estava reservado à nossa época esse conhecimento, como o esteve aos dois últimos séculos o das leis da matéria.

Até ao presente, o estudo do princípio espiritual, compreendido na Metafísica, foi puramente especulativo e teórico. No Espiritismo, é inteiramente experimental. Com o auxílio da faculdade mediúnica, mais desenvolvida presentemente e, sobretudo, generalizada e mais bem estudada, o homem se achou de posse de um novo instrumento de observação.

A mediunidade foi, para o mundo espiritual, o que o telescópio foi para o mundo astral e o microscópio para o dos infinitamente pequenos. Permitiu se explorassem, estudassem, por assim dizer, de visu, as relações daquele mundo com o mundo corpóreo; que, no homem vivo, se destacasse do ser material o ser inteligente e que se observassem os dois a atuar separadamente. Uma vez estabelecidas relações

derem e lhe retificarem os erros.

Estando o mundo espiritual e o mundo material em incessante contacto, os dois são solidários; ambos têm a sua parcela de ação na Gênese. Sem o conhecimento das leis que regem o primeiro, tão impossível seria constituir-se uma Gênese completa, quanto a um estatuário dar vida a uma estátua. Somente agora, conquanto nem a Ciência material, nem a Ciência espiritual hajam dito a última palavra, possui o homem os dois elementos próprios a lançar luz sobre esse imenso problema. Eram-lhe absolutamente indispensáveis essas duas chaves para chegar a uma solução, embora aproximativa. ■

Fonte:

KARDEC, Allan. O papel da ciência na gênese. In: _____. A Gênese. Cap. IV. Rio de Janeiro: Feb, 1945. p. 111 - 121.

Vamos criar um Grupo de Pesquisa Espírita?

por Leandro Camargo

Situação comum nas Casas Espíritas é o fato de pessoas se levantarem descontentes com o estudo doutrinário oferecido, considerando tais estudos insuficientes, solicitando a abertura das dependências do Centro para formarem grupos de pesquisa científica, com o suposto intuito de otimizar os estudos da Casa e explicitar fatos que ainda dependem de "comprovação".

Como o bom senso nos ordena a prudência e análise sobre qualquer decisão ou circunstância que a vida nos proporcione, pensemos na situação exposta.

Não podemos negar que muitas vezes o estudo doutrinário nos Centros Espíritas não é o mais adequado. É feito por pessoas despreparadas, que não o fazem por mal, mas apenas pela falta de outras mais competentes para a direção dos estudos e cursos.

Porém, aqueles que reclamam, na maioria das vezes, nada fazem para melhorar a qualidade dos estudos ou cursos sistematizados, ape-

nas criticam ou formam grupos de pesquisa científica. Por quê? Qual a finalidade de tais grupos?

Argumentam dizendo que podem "comprovar" cientificamente alguns pontos da Doutrina Espírita. Outros dizem que comprovando cientificamente tais pontos o Es-

segunda tem que se valer de outros meios, afinal, não trata de coisas tangíveis.

Confessamos ficar preocupados. Há os que buscam a comprovação material dos postulados da Doutrina, e nos colocamos a indagar: será que nós Espíritas não acreditamos na exposição das diretrizes doutrinárias tão bem indicadas por Allan Kardec? Precisamos provar alguma coisa? A lógica, concisão e coerência da Doutrina não são suficientes? Para que provar, ou melhor, já não está provado? Ou algum Espírita duvida, p. ex. da reencarnação? Da existência do perispírito? É necessária a comprovação laboratorial? E a mesma será possível com meios materiais?

Dirão-nos, "mas é para que os incrédulos tenham certeza". Ora, se eles duvidam de algo, não nos parece caber a nós o dever de provar alguma coisa e, sim, aos duvidosos em demonstrar o erro em que estamos.

Como dito alhures, a ciência espírita não é idêntica à ciência material. O Espiritismo, caminhan-



piritismo ganharia em adeptos e divulgação. Vejamos:

Primeiramente cabe diferenciar a ciência materialista da ciência espírita, que são inconfundíveis; a primeira se ocupa das técnicas e métodos essencialmente materiais, a

do a par com o progresso não se detém onde cessa a ciência material, pois esta se ocupa com as conseqüências e o Espiritismo remonta às causas. Os meios investigativos não podem ser iguais. Não é possível restringirmos o espírito imortal em um tubo de ensaio ou analisá-lo através de um microscópio. Por se tratar de algo transcendente, os meios materiais não podem ser equivalentes. A pesquisa espírita se funda na mediunidade e para essa atividade devemos ter médiuns com capacidades específicas, local apropriado e pessoas intelectualmente instruídas e moralmente preparadas.

Aparentemente ocorre uma inversão de valores, pessoas que buscam minimizar o Espiritismo, enquadrando-o, de forma imprópria, em um sistema meramente material.

É bem verdade que alguns candidatos a cientistas não querem a pesquisa de laboratório que citamos, mas sim trabalhar com os médiuns, valendo-se da experimentação para comprovar fatos. Novamente, indagamos, provar o quê? Sabemos que podem ser desenvolvidas pesquisas sérias, inclusive de identificação de espíritos; comprovação da imortalidade da alma; esclarecimento de alguns pontos obscuros da literatura espírita. Há muito a se fazer ainda, contudo, devemos estar sempre atentos, pois tal tarefa é extremamente delicada, não bastando apenas boa vontade.

Outro fator a ser sopesado é que nem sempre as Casas Espíritas possuem médiuns com faculdades que permitam a identificação dos espíritos; a maioria dos médiuns tem sua faculdade voltada para o socorro

aos necessitados e não para comprovação do fenômeno. Portanto, a palavra chave é cautela, o bom senso acima de tudo.

A tarefa será nobre, mas os candidatos a pesquisadores deverão analisar a intenção real do grupo ou de si mesmos. Se os objetivos forem sublimes e houver pessoas habilitadas, os amigos espirituais estarão velando pelo êxito da intenção, caso contrário, não. Além do que, em linhas gerais, os Centros Espíritas são hospitais-escolas, e na maioria das vezes não têm o escopo de contribuir com as pesquisas espíritas, tornando-se mais ade-

alma admirável, portador de conhecimentos que se converteram em preciosos livros que passeiam desde a pedagogia, história, teologia, até os científicos. Desencarnou no ano de 2000, com 54 anos de idade.

Os livros de Palhano trouxeram luz às nossas almas, intérprete fiel de Kardec, um verdadeiro pesquisador espírita, e observem, não efetuou suas pesquisas na Casa Espírita, mas fundou e dirigiu centros próprios de pesquisa, e como notamos possuía estrutura e capacidade para tanto.

Deixamos a nossa sincera home-

Não é possível restringirmos o espírito imortal em um tubo de ensaio ou analisá-lo através de um microscópio

quando que o grupo, após proceder às análises citadas, observe a viabilidade de instituir uma fundação de pesquisa, ou algo do gênero.

Buscando demonstrar a eficiência das pesquisas sérias, trazemos à baila a experiência vivida por Lamartine Palhano Júnior, mineiro de Coronel Fabriciano, graduado em Farmácia e Bioquímica, doutorou-se em Microbiologia, foi pesquisador do Conselho Nacional de Pesquisa e Tecnologia (CNPq), professor de patologia, já aos 19 anos de idade foi um dos diretores da Federação Espírita do Estado do Espírito Santo (FEEES), idealizador e fundador da Fundação Espírito-Santense de Pesquisa Espírita (FESPE), dirigiu o Círculo de Pesquisa Espírita (CIPES), enfim, uma

nagem ao instrutor Lamartine Palhano Júnior e que sua vida seja um exemplo para todos, especialmente para aqueles que buscam adentrarem nos delicados campos da pesquisa espírita. ■

Bibliografia:

- Desafios da Mediunidade - Ed. Fráter - Camilo/J. Raul Teixeira - questão 28 - 1ª edição.
- Mediunidade - Ed. Paidéia - Herculano Pires - 2ª edição - p. 37.
- Diversidade dos Carismas - Ed. Lachâtre - Hermínio C. Miranda - 3ª edição - p. 50/54 - vol. II.
- O Livro dos Médiuns - Ed. LAKE - 20ª edição - Allan Kardec.
- Dicionário de Filosofia Espírita - Ed. CELD - Lamartine Palhano Jr. - 1ª edição.

Agostinho

(354 - 430)

Agostinho, que viveu durante os anos de declínio do império romano, foi o maior teólogo de sua época. Seus trabalhos influenciaram profundamente as doutrinas e as atitudes cristãs por toda a Idade Média, o que, na verdade, ainda se mantém até hoje.

Nasceu em 354, na cidade de Tagaste (atual Souk-Ahras, na Argélia), cerca de 45 milhas ao sul da grande cidade costeira de Hippo (atual Annaba). Seu pai era pagão, sua mãe devota cristã, mas ele não foi batizado quando criança.

Mesmo durante a adolescência, a inteligência de Agostinho era impressionante, e, aos dezesseis anos de idade, foi enviado a Cartago para estudar. Lá, tomou uma amante e teve um filho ilegítimo. Aos dezenove anos, decidiu dedicar-se a filosofia e logo se converteu ao maniqueísmo, a religião fundada em torno de 240 pelo profeta Mani. Para o jovem Agostinho, o cristianismo parecia um pouco sofisticado, ao passo que o maniqueísmo apelava para sua razão, embora, nos nove anos seguintes, o desiludisse gradualmente.

Quando tinha vinte e nove anos, foi para Roma e, um pouco mais tarde mudou-se para Milão, no norte da Itália, onde se tornou professor de retórica. Familiarizou-se com o neoplatonismo, uma versão mo-

dificada de filosofia de Platão desenvolvida por Plotinos, no século III.

Santo Ambrósio era o bispo de Milão naquela época, e Agostinho ouviu alguns de seus sermões que o introduziram a novo e mais refinado aspecto do cristianismo. Aos trinta e dois anos converteu-se, e o cético do passado tornou-se ardente militante do cristianismo. Em 387, foi batizado por Ambrósio e logo depois voltou a casa, em Tagaste.

Em 391, tornou-se assistente do bispo de Hippo e, cinco anos depois, quando o bispo morreu, Agostinho, então com quarenta e dois anos de idade, assumiu o seu lugar, onde permaneceu até o fim de sua vida.

Apesar de Hippo não ser uma cidade importante, o brilho de Agostinho era tão óbvio, que ele logo se tornou um dos líderes mais respeitados da Igreja. De frágil constituição física, com a ajuda de estenógrafos redigiu um grande número de peças religiosas. Cerca de 500 sermões ainda existem, além de 200 cartas. De seus livros, os dois mais famosos e influentes são *A Cidade de Deus* e *Confissões*. Este último, renomada autobiografia, foi escrito quando ele estava com quarenta anos de idade.

Muitas cartas e sermões de Agostinho têm o objetivo de refutar as





crenças dos maniqueístas, dos donatistas (seita oriunda de um cisma cristão) e dos pelagianos (outro grupo cristão herético da época). As discussões com os pelagianos formam parte significativa de suas doutrinas religiosas. Pelágio era um monge inglês que por volta de 400 chegou a Roma, onde expôs interessantes doutrinas teológicas. Cada um de nós, afirmava, é livre o pecado original e livre também para escolher o bem ou o mal. Pela vida correta e pelas boas obras qual-

predestinação muito iria influenciar teólogos posteriores, como São Tomé de Aquino e João Calvino.

Provavelmente ainda mais importante que a doutrina de predestinação foram as atitudes de Santo Agostinho com relação ao sexo. (Escreveu: "Nada deve ser tão evitado quanto as relações sexuais"). Entretanto, a renúncia propriamente dita demonstrou-se muito difícil para o Santo Agostinho, forte influência nas atitudes da época medieval com relação ao sexo,

Pregava a idéia que Deus já sabe quem será salvo e quem não, e que alguns estão predestinados a ser salvos

quer indivíduo pode chegar à salvação.

Em parte, devido à influencia dos escritos de Santo Agostinho, esses pontos de vista foram declarados heresias, e o próprio Pelágio (que já havia sido banido de Roma) foi excomungado. De acordo com Santo Agostinho, todos os homens estão condenados pelo pecado de Adão e não podem obter a salvação simplesmente por seus próprios esforços e boas obras: a graça de Deus é necessária para a salvação. Idéias semelhantes haviam sido propostas antes; Agostinho, entretanto, ampliou-as, e seus escritos consolidaram a posição da Igreja, sobre esses pontos que, depois disto, foram adotados.

Pregava a idéia que Deus já sabe quem será salvo e quem não, e que alguns estão predestinados a ser salvos. Esse conceito da

além de estabelecer relações entre nações de pecado original e de desejo sexual.

Durante sua vida, o Império romano esteve em rápido declínio. Na realidade, em 410, a cidade de Roma foi saqueada pelos visigodos, sob o comando de Alarico. Os pagãos romanos remanescentes afirmavam que Roma estava sendo punida por ter deserdado seus deuses antigos em favor do cristianismo. O famoso livro de Santo Agostinho *A cidade de Deus* é, em parte uma defesa do cristianismo contra essa acusação. Entretanto, também apresenta completa filosofia da história, que teria considerável influência sobre desenvolvimentos posteriores na Europa. Agostinho expressou o ponto de vista de que o Império romano não tinha importância básica, nem a cidade de Roma e nem cidade alguma sobre

a terra. O que realmente importava era o crescimento da "cidade celestial" - em outras palavras, o progresso era, naturalmente, a Igreja. ("Não há salvação fora da Igreja".) Concluída, portanto, que os imperadores, fossem pagãos, cristão ou bárbaros, não eram tão importantes quando o papa e a própria Igreja.

Apesar de não ter explicitado, a direção de seus argumentos leva facilmente a concluir que os governantes seculares devem ser subordinados ao papa. Os papas medievais tiveram muito empenho em tirar essa conclusão dos trabalhos de Agostinho, e suas doutrinas, portanto, constituíam a base para o longo conflito entre a Igreja e o Estado, que caracterizaria a história da Europa por muitos séculos.

Seus trabalhos apresentam relevante fator na transmissão de certos aspectos da filosofia grega para a Europa medieval. O neoplatonis-



Agostinho dita a um escriba

Agostinho foi o último dos grandes teólogos cristãos antes da época do obscurantismo

mo, em particular, influenciou o pensamento maduro de Agostinho e, por seu intermédio, a filosofia cristã medieval. É também interessante notar que ele expressou a idéia contida na famosa afirmação de Descartes "Penso, logo existo", embora com outras palavras.

Agostinho foi o último dos grandes teólogos cristãos antes da época do obscurantismo, e seus trabalhos configuram a doutrina da Igre-

ja, em seus pontos principais, basicamente da maneira que ficaria ao longo da Idade Média. Foi o mais eminente dos pais da igreja latina, seus escritos foram exaustivamente lidos pelos religiosos. Suas idéias sobre salvação, sexo, pecado original e muitos outros temas muito influenciaram teólogos católicos posteriores, como Santo Tomé de Aquino, e líderes protestantes, como Lutero e Calvino.

Agostinho morreu em Hippo, em 430 d.C., com sessenta e seis anos de idade. Os vândalos, umas das tribos bárbaras que haviam invadido o Império romano em desintegração, estavam sitiando Hippo naquela época e, alguns meses mais tarde, capturaram a cidade e queimaram sua maior parte. A biblioteca de Agostinho e a catedral, entretanto escaparam da destruição. ■

Fonte:

HART, Michael H. *Maiores Personalidades da História*. Págs. 318 - 322. DIFEL. Rio de Janeiro/RJ. 2001.

Evite problemas com o e u

por Eduardo Martins



Você já ouviu gente descuidada dizendo que precisa "comprimentar" um parente ou amigo? Se é muito ruim falar dessa forma, imagine então alguém trocar, na hora de escrever; cumprimento por cumprimento e vice-versa.



Então procure lembra sempre: cumprimento (com u) é o mesmo que saudação (que também tem u - prático, não?).

Por isso, o verbo, cumprimentar, equivale a saudar, felicitar. Veja dois exemplos, para que tudo fique mais claro: Ele nunca se esquece de cumprimentar os colegas que fazem aniversário. / Receba os nossos melhores cumprimentos.

Comprimento tem tudo a ver com comprido (faça esta relação) e equivale a extensão. Assim: A avenida tem 5 quilômetros de comprimento (de extensão) / A avenida é muito comprida (extensa).

O uso do **o** e do **u** cria outros problemas e dúvidas até mesmo em pessoas que normalmente escrevem e falam bem. Uma palavra que aparece mais vezes errada do que certa nos textos é curinga. Você achou estranha a grafia? Mas é o nome certo da carta de jogar (e não "coringa").

Mesmos com termos da linguagem coloquial é preciso tomar cuidado. Por exemplo, há crianças que, em casa ou na escola, costumam zoar. Se você preferir, elas gostam de fazer zoeira (ou zoadá). Reparou que as três palavras têm **o** e não **u**, embora apareçam quase sempre erradamente com "zuar", "zueira" ou "zuada"?

Veja algumas grafias corretas: jabuticaba (e não "jaboticaba"), jabuti (e não "jaboti"), cúpula (e não "cúpola"), boteco (e não "buteco"), cocuruto (e não "cocoruto"), burburinho (e não "borborinho"), rebuliço (e não "reboição"), mágoa (e não "mágua"), poleiro (e não "puleiro"), goela (e não "guela"), camundongo (e não "camondongo"), tábua (e não "táboa"), tabuada (e não "taboada").

Eu suo, ele sua...

Outros dois verbos que provocam confusão na linguagem popular são o soar e suar. Soar significa produzir ruído e conjuga-se normalmente: soa, soavam, soara, soará, soasse, etc. O erro acontece as vezes com suar. Esse **u** se mantém em todas as formas do verbo. Assim, alguém sua (transpira) e nunca "soa" (como se ouve frequentemente). Igualmente: suava, suou, suaram, etc.

Ainda no terreno dos verbos, não confunda: engolir é com **o**, assim como suas flexões: engoliu, engolia, engolimos, etc. E também com **o** são encobrir, estorricar, abolir, magoar, polir, borbulhar, etc.

Fonte:

MARTINS, Eduardo. *Com Todas as Letras*. Pág. 130. Editora Moderna. São Paulo/SP, 1999.

Levantai os olhos

"Eis que eu vos digo: Levantai os vossos olhos e vede as terras, que já estão brancas para a ceifa." - Jesus

(João, 4:35)

O mundo está cheio de trabalhos ligados ao estômago. A existência terrestre permanece transbordando emoções relativas ao sexo. Ninguém contesta o fundamento sagrado de ambos, entretanto, não podemos estacionar numa ou noutra expressão.

Há que levantar os olhos e devassar zonas mais altas. É preciso cogitar da colheita de valores novos, atendendo ao nosso próprio celeiro.

Não se resume a vida a fenômenos de nutrição, nem simplesmente à continuidade da espécie.

Laborioso serviço de iluminação espiritual requisita o homem.

Valiosos conhecimentos reclamam-no a esferas superiores.

Verdades eternas proclamam que a felicidade não é um mito, que a vida não constitui apenas o curto período de manifestações carnis na Terra, que a paz é tesouro dos filhos de Deus, que a grandeza divina é a maravilhosa destinação das criaturas; no entanto, para receber tão altos dons é indispensável erguer os olhos, elevar o entendimento e santificar os raciocínios.

É imprescindível alçar a lâmpada sublime da fé, acima das sombras.

Irmão muito amado, que te conservas sob a divina árvore da vida, não te fixes tão-somente nos frutos da oportunidade perdida que deixaste apodrecer, ao abandono... Não te encarceres no campo inferior, a contemplar tristezas, fracassos, desenganos!... Olha para o alto!... Repara as frondes imortais, balouçando-se ao sopro da Providência Divina! Dá-te aos labores da ceifa e observa que, se as raízes ainda se demoram presas ao solo, os ramos viridentes, cheios de frutos substanciosos, avançam no infinito, na direção dos Céus.



Chico Xavier - Emmanuel
Vinha de Luz